

Efeitos da pandemia para além da sala de aula nos estudantes universitários

Francisco Carlos Moreira Gomes¹

Carollayne Gonçalves de Paiva²

Lucas Febula Matheus²

Rodrigo Batista Lobato³

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo fazer uma reflexão acerca das falas dos estudantes universitários das universidades públicas, em relação aos efeitos vivenciados durante a pandemia e o ensino remoto emergencial (ERE). Dentro desse cenário pandêmico, de fechamento das escolas em que os estudantes ficaram de forma isolada de seu grupo social, em parte do tempo trancados sem atividades ou outrora com atividades desenvolvidas por um ambiente virtual de aprendizagem (AVA). Qualquer tentativa de propor uma conclusão a essa temática, seria de alguma forma, apressa e reducionista. Por mais que a vacinação venha avançando, as atividades presenciais se encontrem ainda timidamente retornando em sistemas híbridos ou de rodízio, ainda estamos em pandemia. Todavia se não é possível tecer conclusões, o que os relatos dos alunos do ensino superior ouvimos, e as considerações aqui construídas, trazem de novo ao tema? É possível acreditar, que existem muitos desafios sociais que impossibilitam uma experiência igualitária e com equidade ao ensino remoto emergencial. Na mesma intensidade se colocam barreira entre a formação docente e as práticas pedagógicas no trato com as plataformas de ensino a distância. Ou ainda os próprios fatores externos ao âmbito escolar em si, da relação aluno professor, como o ato de estudar e viver no mundo/sociedade em constante insegurança, de um inimigo invisível.

Palavras-chave: Efeitos da pandemia. Vivências acadêmicas. Ensino remoto emergencial.

1. Introdução

Como se sabe, em março de 2020, a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou uma situação de pandemia em função da difusão global da doença COVID - 19 (TAVARES et al, 2021). Quando no Brasil foi noticiado que havia uma pessoa com óbito por esse vírus, o que se viu foram as prateleiras dos mercados zerarem o álcool em gel e líquido de 70%, assim como de papel higiênico.

¹ Mestre em Geografia, Universidade Federal de Juiz de Fora/ICH;

² Graduando em Geografia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro;

³ Doutor em Geografia pela UFRJ, Professor do Instituto Federal Fluminense, Macaé.

Na cidade do Rio de Janeiro, as ruas ficaram vazias nos primeiros quinze dias e as atividades comerciais em sua maioria fecharam e ficaram aberto somente os serviços considerados essenciais, tais como farmácia, posto de gasolina, mini e grandes mercados e os serviços de saúde (hospitais) e de segurança pública (delegacias).

Em um primeiro momento, falava-se que todos estavam no mesmo barco global dessa pandemia. Mas posterior a isso, percebeu-se que não era bem assim, que todos estavam no mesmo oceano, mas sobrevivendo em embarcações diferentes ou ainda, sem embarcação nenhuma, a deriva nesse mar.

O sentimento de perder o mundo pode ser coletivo e isso pressupõe o compartilhamento de um destino comum da humanidade, mas certamente, não estamos todos no mesmo barco singrando para o fim do mundo. Há transatlânticos, iates, lanchas, veleiros, escunas, caiaques, barcos a remo, jangadas, e até naufragos agarrados em troncos no meio da correnteza (AKERMAN E PINHEIRO, 2020).

De acordo com os mesmos autores, esse debate nasce da necessidade imperiosa de que uma política social comprometida com a promoção da equidade não deveria borrar as diferenças entre classes sociais, gêneros, raças, etnias, territórios e países. Explicitar, desocultar, medir diferenças é o ponto de partida para a formulação de uma política pública justa. Esse debate leva a uma reflexão, que de certa forma nós últimos anos vem ganhando espaço na sociedade brasileira, pautada sobre a igualdade, equidade e justiça social (AZEVEDO, 2013; ENGUITA, 2013; LEITE e FERNANDES, 2014).

Todavia, por mais que estes trabalhos sejam contribuições valiosas, o contexto pandêmico faz com a complexidade destas dinâmicas no ensino sejam revistas a luz da atualidade, a fim de estabelecer uma análise mais consistente com uma realidade sem precedentes na história. Desta forma, o presente trabalho tem como objetivo fazer uma reflexão acerca das falas dos estudantes universitários das universidades públicas, em relação aos efeitos vivenciados durante a pandemia e o ensino remoto emergencial (ERE).

2. Embasamento Teórico

Dentro desse cenário pandêmico, de fechamento das escolas em que os estudantes ficaram de forma isolada de seu grupo social, em parte do tempo trancados sem atividades ou outrora com atividades desenvolvidas por um ambiente virtual de aprendizagem (AVA).

De acordo com Vieira (2020), uma das consequências da necessidade de isolamento social é a restrição das atividades laborais e escolares. As escolas foram as primeiras a serem fechadas. Para os mesmos autores, as instituições de educação, independente do grau de ensino, viram-se obrigadas a buscar alternativas para manter pelo menos parte de suas atividades, a exemplo do Regime de Exercícios Domiciliares Especiais (REDE), que caracteriza o ensino remoto e inclui atividades síncronas e assíncronas entre professores e alunos.

Neste cenário, os alunos, até então adaptados e acostumados ao ensino presencial, passaram a conviver com um duplo desafio: a necessidade de isolamento e o aprendizado baseado em atividades remotas, que ensejam maior autonomia (VIEIRA, 2020, p. 03). Essa vivência espacial pandêmica, trouxe efeitos durante nesse período e ainda trará efeitos pós pandemia, sobretudo ao grupo abordado que são os estudantes inseridos na universidade:

Este cenário pode trazer para a vida do estudante mudanças significativas, tanto do ponto de vista econômico quanto nos aspectos social e emocional, já que o equilíbrio das pessoas e até mesmo da sociedade como um todo pode ser afetado por situações emergenciais como esta, que deixam no seu lastro perdas humanas, materiais e mudanças situacionais extremamente traumáticas (SA, WERLANG E PARANHOS, 2008).

As colocações de Sa, Werlang e Paranhos (2008), em síntese, sustentam que após grandes crises (sejam guerras, doenças, revoluções etc.), a sociedade de uma determinada população tende a reestruturar seus hábitos, cultura, demografia e economia, a fim de se ajustar o pagamento deste ônus ao longo das gerações seguintes⁴.

Desta maneira, existem uma preocupação geral dos efeitos causados por uma rápida transformação (em caráter emergencial) no ensino, com estudantes pouco adaptados a essa nova realidade, possa estar gerando uma dívida educacional em nossa sociedade, cujo, os efeitos só poderão ser realmente mensurados nós próximos anos. Todavia, no âmbito do ensino superior esse ônus é mais preocupante, uma vez que esses alunos são formados para a execução de atividades mais especializadas, nas quais uma formação deficitária pode prejudicar setores da sociedade e levar a problemas mais estruturantes em todo o país.

2.1. Relatos dos estudantes

⁴ Um bom exemplo são as análises de David Spiegelhalter em seu livro *“Sex by Numbers: What Statistics Can Tell Us About Sexual Behaviour”*, onde vai apresentar como os números de nascimentos e gêneros de crianças nascidas mudam de acordo com a realidade social em que uma população está inserida.

De acordo com o estudante Márcio, “em março de 2020 tinha chegado e com ele as aulas presenciais estavam de volta. Isso era o que os alunos de uma universidade pública na cidade do Rio de Janeiro esperavam, só que o buraco era um pouco (ou muito) mais embaixo. Pandemia iniciava-se com força no Brasil, e assim o adiamento das aulas era iminente.

De quinze em quinze dias era postergado o início do período acadêmico, para que desse tempo da situação se normalizar e que medidas necessárias para continuar os estudos fossem mantidas. Dessa forma, até outubro, seguimos sem resolução e praticamente todos os universitários receberam férias. Foi nesse mês que, enfim, começou o primeiro período letivo do ano, mesmo estando no segundo semestre.

Esse início, tirando todos os acontecimentos gerais, não foi dos piores, afinal funcionou como um momento de férias, ou seja, descanso. Entretanto, a constante batalha contra desinformação e negacionismo alheio se mostrou presente, sempre tentando evitar Fake News e consumindo o máximo de notícias de como se cuidar contra a COVID-19 possível. Por si só, esse momento de relativa paz, acabou sendo cansativo, estressante e o sentimento de impotência vivia pairando no ar. O melhor a se fazer era tentar se desligar de vez em quando, para não ficar sobrecarregado de notícias sobre uma pandemia que parecia estar longe do desfecho.

Com a volta as aulas, dessa vez virtuais, uma diversidade de problemas apareceu, os já mencionados somavam-se com outros empecilhos comuns do cidadão brasileiro: obras constantes em vizinhos, barulho de carros, motos e afins, quedas de internet, dificuldade de permanecer focado, etc. Além desses fatores, a distância do ambiente acadêmico servia apenas para intensificar cada obstáculo. O estudo tornava-se cada vez mais difícil e monótono, funcionando somente como uma obrigação e não mais como um desejo de aprender e transformar-se em um “bom” estudante, ou ainda, profissional capacitado.

E assim seguiu a jornada universitária durante a pandemia, de forma lenta e arrastada. Cada vez com mais dificuldades de acesso a livros devido à falta de bibliotecas e dos laboratórios presentes na faculdade e, vale ressaltar, a quase que nula interação social nesse ciclo, visto que essa universidade em questão, possui estudantes de todas as regiões do Rio de Janeiro, incluindo as mais distantes, e a única forma de encontro era justamente nos arredores universitários, o nosso ambiente em comum”.

Para a estudante Júlia, “... antes de ingressarmos nesse colapso pandêmico, tive apenas uma semana de aula presencial na tão sonhada universidade pública. A expectativa de finalmente estar presente em um ambiente acadêmico depois de um certo tempo me deixava eufórica e era impossível não ir animada para a faculdade. Porém, com a cada nova informação sobre a COVID-19 que recebíamos, diversas preocupações me assolavam, tais como: o número de mortes, formas de prevenção, os avanços do vírus e minha graduação que mais uma vez necessitaria de uma pausa forçada.

É compreensível que mediante as informações devastadoras, alguma atitude deveria ser tomada. Estávamos e estamos vivendo em tempos difíceis, onde cada ser humano procura uma estratégia para tentar minimizar os impactos causados por essa pandemia que trouxe diversos problemas na área da saúde, educação, políticas públicas e entre outras diversas consequências.

Logo após um período de pausa, uma das estratégias usadas para o regresso das aulas seria a implementação de um ensino remoto, ou seja, encontros virtuais com os professores e colegas de classe através de plataformas digitais. Exemplo: Google Meet, Classroom e o Moodle.

Com isso, podemos observar como os meios de comunicação, principalmente por plataformas via internet trouxeram inúmeras vantagens para esse período acadêmico on-line. Uma das maiores vantagens que esse ensino remoto trouxe para mim foi a flexibilidade no horário, contato através dos meios de comunicação direto com os professores e coordenadores, a paciência e, acima de tudo, a compreensão dos docentes. Porém, algumas desvantagens também podem ser listadas, tais como acessibilidade, velocidade da internet e interferências naturais, como por exemplo, o alto índice de chuva e instabilidade na rede/energia.

Entretanto, os meios adotados pelas universidades como forma de atender os discentes em situação de isolamento social foram de grande importância para que não prejudicasse nossa formação enquanto graduandos”.

Por fim, foi salientado pelo jovem Ramon, “que de maneira geral a pandemia trouxe diversos desafios para a educação, mas também foi uma grande oportunidade de aprendizado. Pois no Brasil, mesmo que exista uma tradição no ensino a distância/remoto,

Revista Tecnologias na Educação – Ano 13 – Número/Vol.36 – Edição Temática XVII - Fórum Práxis Educativas e Chão da Escola - tecnologiasnaeducacao.pro.br / tecedu.pro.br

nós últimos anos essa metodologia tem sido empregada de maneira pouco pedagógica e prol de lucros de grandes corporações de ensino.

Tal elemento, fez com que ocorresse um certo repúdio e resistência das universidades públicas em absorver e desenvolver algumas práticas neste sentido, com o medo de ser o prelúdio de um processo de desmonte do ensino superior. E esse preconceito e temor, por muito tempo impediu que as universidades públicas usassem algumas ferramentas interessantes seja para o ensino a distância, remoto, híbrido ou presencial.

Dentre essas ferramentas educacionais, o uso de plataformas online como o classroom da Google foi uma das melhores experiências que tive em tempos de pandemia, e espero se mantenha e melhore nos próximos anos. Digo isso porque no começo foi complicado para aprender a usar todas as funcionalidades da plataforma, mas com o passar do tempo os professores aprenderam a gerir melhor a organização dos textos, trabalhos e avaliações.

Um caso prático com relação a essa organização, foi o processo de vincular o Classroom a minha agenda do Google. Fazendo isso, automaticamente sou avisado sobre o texto que era para ler aquela semana, se existia ou não atividade para ser feita, ou se teríamos ou não aula síncrona naquela semana.

Mais especificamente com relação as atividades e provas, quando os professores colocavam todas as atividades/provas e textos na plataforma, eu conseguia as vezes adiantar atividades ou leituras. Pois em semanas que eu estava menos atarefado, acabava por iniciativa própria fazendo as atividades com antecedência.

Talvez, o uso destas plataformas para gerenciar o conteúdo programático das aulas e atividades no pós-pandemia, possa de alguma forma auxiliar a uma melhor organização dos alunos e professores”.

3. Metodologia

Os caminhos metodológicos percorridos estão embasados na revisão bibliográfica do tema estudado, assim como na entrevista de três estudantes, que tiveram seus nomes substituído por nomes fictícios, mas que concordaram em participar da pesquisa.

A quantidade de pessoas procuras para participar foi bem maior, vinte no total, todavia, devido ao esgotamento virtualmente, apontado por eles, dezessete não quiseram participar e por isso, tem-se o total de três participantes.

Assim, vale salientar que os resultados com base nesse número amostral, não representa os estudantes como um todo, mas ainda sim, mostra-se pertinente o olhar desses jovens, no qual vale citar que são dois homens e uma mulher. Outro olhar que buscou-se dar, foi entrevistar os estudantes das universidades públicas.

4. Análise e Discussão dos Dados

Visto que a maior parte dos estudantes não quiseram responder as perguntas, em um primeiro momento, estávamos prestes a não dar continuidade ao trabalho, mas após algumas reflexões percebemos que essa ausência se trata de um dado também que aponta para um cansaço vivenciado em tempos de pandemia, e que é também para falar sobre a pandemia.

Ainda assim, os três relatos mostram-se significativos, no que tange a experiência e perspectiva em relação a esse período de virtualização das aulas. Talvez para o Márcio, essa pandemia apresentou-se como um fator desmotivador e que foi minando a sua relação com o processo de ensino-aprendizagem, que envolve interação e integração em os estudantes que possuem como um lugar comum a sua universidade.

Um ponto que o Márcio elucidou, foi a demora do ensino superior público em buscar uma solução para a virtualização das aulas e a esse respeito, Ramon considera que essa demora, em sua análise, se deu por “um certo repúdio e resistência das universidades públicas em absorver e desenvolver algumas práticas neste sentido, com o medo de ser o prelúdio de um processo de desmonte do ensino superior”.

De maneira geral, essa colocação do aluno Marcio, sobre a existência de uma crítica ao ensino a distância no país, mediado por meio de plataformas online/ensino a distância, tem alguma fundamentação na realidade. Pois, trabalhos como Pereira e Souza (2017) discutem como os grandes conglomerados educacionais privados passaram a ampliar os cursos a distância de maneira mais acelerada, o que não resultou em um ganho de qualidade real. Sendo essa qualidade real do ensino EAD, objeto de análise Oliveira e Paschoalino (2019) concluiu que o ensino a distância de grandes grupos educacionais carece de qualidade, uma

vez que o lucro para ser o objetivo central, e não a formação plena de seus alunos. Comportamento, segundo os autores, diferente as iniciativas EADs de instituições públicas ou pontifícias (as famosas PUCs).

Porém, o que pode-se observar, de certa maneira ao analisar as vivências descritas pelos alunos, foi uma reinvenção do ensino superior público e seus docentes que atuavam pela lógica presencial e muitos de forma analógico, precisando recorrer ao uso das TICs para ministrarem suas aulas, e tudo isso de forma abrupta e sem treinamento, acertando e errando no meio do processo.

Sobre esse processo e suas ferramentas, o Google por apresentar na ocasião uma ferramenta gratuita *Google Classroom* e Meet, foi uma das TICs mais usadas e são apresentadas no relato dos estudantes. É perceptível também os ânimos se apresentando de modos diferentes, pois Ramon viu na virtualização e uso de suas tecnologias uma oportunidade de aprendizagem, à medida que Julia se identificou com a flexibilidade para acesso as aulas, de modo que Márcio teve um desgaste com essa modalidade.

Julia ainda elucida a problemática tecnológica que os estudantes podem sofrer, tais como falta de um equipamento para acesso as aulas ou ainda a internet precária ou mesmo a falta dela. As *Fake News* e excesso de informação foi tratado também, e isso traz como consequência o esgotamento mental dos estudantes. Estes que já precisam ficar horas olhando para uma tela, e isso gera esse esgotamento, ainda terem que enfrentar a (des)informação ou levando argumentos para desconstruir tais pensamentos, isso cansa também.

5. Conclusões?

Qualquer tentativa de propor uma conclusão a essa temática, seria de alguma forma, apressa e reducionista. Por mais que a vacinação venha avançando, as atividades presenciais se encontrem ainda timidamente retornando em sistemas híbridos ou de rodízio, ainda estamos em pandemia. Todavia se não é possível tecer conclusões, o que os relatos dos alunos do ensino superior ouvidos, e as considerações aqui construídas, trazem de novo ao tema?

É possível acreditar, que existem muitos desafios sociais que impossibilitam uma experiência igualitária e com equidade ao ensino remoto emergencial. Na mesma

intensidade se colocam barreira entre a formação docente e as práticas pedagógicas no trato com as plataformas de ensino a distância. Ou ainda os próprios fatores externos ao âmbito escolar em si, da relação aluno professor, como o ato de estudar e viver no mundo/sociedade em constante insegurança, de um inimigo invisível.

Por outro lado, imaginar a possibilidade gerar uma nova experiência educacional a distância a nível nacional (mesmo que forçada) em tão pouco tempo seria improvável. De maneira que no meio deste susto se colecionaram práticas inovadoras e boas descobertas. Experiências essas, que como se pode observar nos depoimentos, em alguns casos possibilitaram uma melhor organização do aluno na realização de suas atividades, possibilitando o relato da existência uma maior autonomia dentre os alunos.

O fato é que a visão de escola tradicional que normalmente se tem, foi sendo construída e aprimorada ao longo de mais de um século, enquanto a reestruturação de um ERE (com todo seu potencial e desafios) se construiu em poucos meses. Porém, é claro que foram deixadas diversas marcas no ensino pelo ERE que nós próximos anos devem ser absorvidas pela escola tradicional. Pois a escola é um espaço socialmente construído, e com isso ela (a escola) pode ser construída e reconstruída como a pandemia demonstrou.

6. Referências Bibliográficas

AKERMAN, M.; PINHEIRO, W.R. Covid-19: **Não estamos no mesmo barco**. Le Monde Diplomatique Brasil, cidade de publicação, 14 de abril de 2020. Acervo Online. Disponível em: <<https://diplomatique.org.br/covid-19-nao-estamos-no-mesmo-barco/>>

AZEVEDO, Mário Luiz Neves de. Igualdade e Equidade: **qual é a medida da justiça social?** Avaliação: Revista da Avaliação da Educação Superior (Campinas), v. 18, p. 129-150, 2013.

ENGUITA, M. F. **Igualdade, equidade e outras complexidades da justiça educativa**. Revista Portuguesa de Educação, [S. l.], v. 26, n. 2, p. 205–224, 2013. DOI: 10.21814/rpe.3253. Disponível em: <https://revistas.rcaap.pt/rpe/article/view/3253>. Acesso em: 15 out. 2021.

LEITE, Carlinda; FERNANDES, Preciosa. Avaliação, qualidade e equidade. Avaliação: Revista da Avaliação da Educação Superior (Campinas), v. 19, p. 421-438, 2014.

PEREIRA, Larissa Dahmer; SOUZA. A Mercantilização do ensino superior brasileiro e o uso do EaD como estratégia expansionista. COLÓQUIO INTERNACIONAL MARX E O MARXISMO, v. 1, 2017.

OLIVEIRA, Maria Auxiliadora Monteiro; DE QUEIROZ PASCHOALINO, Jussara Bueno. Ensino Superior: **Educação a Distância e mercantilização do Ensino Superior**. Trabalho & Educação, v. 28, n. 1, p. 83-95, 2019.

SÁ, S. D.; WERLANG, B. S. G.; PARANHOS, M. E. **Intervenção em crise**. Revista Brasileira de Terapias Cognitivas, Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, jun. 2008.

TAVARES, F. R.; LOBATO, R. B.; COSTA, J. V. F. T. Autorias Infantis e suas Cartografias do Isolamento: **Mapas de Significados das Crianças Elaborados Durante o Ensino Remoto**. EaD em Foco, v. 11, n. 2, 7 out. 2021.

VIEIRA, K. M.; POSTIGLIONI, G. F.; DONADUZZI, G.; PORTO, C. DOS S.; KLEIN, L. L. Vida de Estudante Durante a Pandemia: **Isolamento Social, Ensino Remoto e Satisfação com a Vida**. EaD em Foco, v. 10, n. 3, 22 set. 2020.

Recebido em Outubro 2021

Aprovado em Novembro 2021